



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

PEDAGOGIA: TRILHANDO CAMINHOS EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Maria Mikaele da Silva Cavalcante, UECE

Marília Duarte Guimarães, UECE

Kananda Arruda Ponte, UECE

Jéssica Fernanda Nascimento Rufino, UECE

Joelma Freire Cordeiro, UECE

RESUMO

O presente artigo objetiva trazer reflexões sobre a educação libertadora, humanista e ao mesmo tempo conscientizadora, na perspectiva da práxis docente. Assim, foi realizado um estudo bibliográfico por alunas do curso de Pedagogia da UECE, onde buscamos compreender que tipos de educação estão fomentando e qual a postura do professor frente ao aluno, no que diz respeito à relação de poder e submissão. Partimos do pressuposto que o conhecimento novo surge de um conhecimento anterior, devendo este ser o ponto de partida do trabalho escolar e que incorporem as experiências afetivas e sócio-culturais dos educandos nas atividades coletivas e individuais da sala de aula, tornando as situações de aprendizagem significativas e contextualizadas, vinculadas a vida e a função social da educação. Educação na concepção de um projeto mais amplo de transformação social, posicionando-se claramente a respeito das finalidades educativas diante do contexto neoliberal.

Palavras Chaves: Educação; Reflexão; Emancipação.

INTRODUÇÃO

O cenário atual da educação brasileira nos instiga a refletirmos sobre a sua função e seu papel social. Compreender a educação na sua ontologia significa entendê-la na sua totalidade, na sua significação para a sociedade, ou seja, como acontece o seu desencadeamento nos mais diversos ambientes: escolar e social.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Essa pesquisa surgiu da inquietação de algumas alunas graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, sobre uma série de anseios relacionados aos rumos educacionais, já que o curso de pedagogia deve fornecer aparatos durante o seu percurso para que se pense a educação na sua plenitude.

Diante desse contexto, realizaremos um breve apanhado sobre o papel social da educação e suas contribuições para a sociedade na qual estamos inseridos, uma sociedade com um sistema capitalista em crise, sendo esta repleta de desigualdades e opressões; além disso, descrever sobre o tipo de educação que temos e qual almejamos.

Para o alcance dos objetivos mencionados, utilizamos como aporte metodológico uma pesquisa de natureza bibliográfica, onde buscamos referências que gravitasse em torno da educação numa perspectiva emancipadora. Utilizamos como instrumentos: livros, artigos de periódico e dissertações, amparados no aporte teórico de renomados autores da área, que serviram de basilar: FREIRE (1987); SAVIANI (1991); MÉSZÁROS (2009); LEHER (2012); dentre outros.

De acordo com Saviani (1991) o método tradicional é o mais utilizado pelos sistemas de ensino público e particular. Apesar da compreensão de que se trata de um método ultrapassado, as escolas ainda fazem uso da educação tradicional, talvez por entenderem que seja o trajeto mais “fácil”, sendo este o percurso que provavelmente os pais e professores, aprenderam. Porém, é preciso nos questionarmos: Que educação estamos fomentando? Será que o professor é realmente o único detentor de conhecimentos na relação professor-aluno? Só o docente ensina e, somente o aluno aprende? O que é mais relevante, a quantidade de conteúdos que se decora, ou a qualidade com que compreendemos e somos capazes de refletir e criticar? Esse é um debate extenso que não se esgota com as questões aqui apresentadas. Contudo, nos propormos a debater e refletir sobre as concepções e práticas educativas dos professores na perspectiva de uma educação que promova a emancipação e a autonomia, como também, sobre uma alternativa educacional pedagógica, que seria: a emancipação humana.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Quando nos remetemos a emancipação humana estamos falando do indivíduo possuir autonomia diante a sociedade, sendo constituindo de maneira plena, em todos os sentidos: político, social e educacional.

Emancipação Humana é uma categoria política que se refere ao uso da racionalidade nos interesses coletivos (Kant); que implica na superação do individualismo e das determinações impostas pelo Estado através da apropriação das forças políticas e sociais dos cidadãos (Marx); que seja uma educação para a resistência, que sendo crítica das estruturas sociais, possa formar um ser humano autônomo capaz de superar as formas de assujeitamento (Adorno); e, por fim, que representa uma tarefa propriamente educativa, de construir coletivamente a conscientização do inacabamento e a inconclusão do oprimido, criando possibilidades para ser mais e superar os condicionamentos históricos, alcançando assim a sua vocação própria: a humanização (Freire). (AMBROSINI, 2012, p. 16).

CONTEXTUALIZANDO O ATUAL CENÁRIO EDUCACIONAL E SOCIAL

Pensar em uma sociedade com modelo capitalista, nos remete à uma sociedade onde o consumismo e a exploração são parte fundante e, sendo a educação parte desse contexto social, tem o papel de reprodução do capital e de todos os seus variantes.

O sistema capital estar à frente de uma crise estrutural, profunda, que vêm afetando toda a humanidade, exigindo mudanças fundamentais na maneira pela qual o metabolismo social é controlado, Mészáros (2009). Diante desse exposto, a escola exerce função fundamental para a reprodução de ideologia e produção de valores, conforme,

a orientação marxista têm afirmado que à escola está reservada a função de reproduzir desigualdades sociais, na medida em que contribui para a reprodução da ideologia das classes dominantes e mesmo para a reprodução das próprias classes sociais, inculcando códigos, símbolos e valores das classes dominantes. (MOCHCOVITCH, 1988, p. 07)

O Estado ao longo do tempo possuiu várias formas: Liberal, Intervencionista e o Neoliberal, contudo nunca perdeu sua principal característica: manter a ordem social, para o qual foi criado. Ele é produto do antagonismo de classes - onde de um lado temos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

os donos dos meios de produção e de outro os donos da força de trabalho – ele serve como elemento regulador desta relação. Porém, é importante saber que no capitalismo, na relação social entre produtores, o homem é visto como mercadoria e os trabalhadores passam a serem vistos como objetos, e se não aderirem as “regras” impostas, eles passam a não existir e conseqüentemente, serão “excluídos do mercado”, (SILVA, 2005).

Entender a sociedade capitalista se faz necessário para compreender o modelo de educação que temos. A educação bancária se faz presente em muitas salas de aula. Ela é caracterizada por aulas mecânicas, distantes da realidade dos educandos e o professor é o ser supremo no processo educacional. O professor bancário que tudo sabe, onde a educação parte dos que sabem para os que não sabem e inibe o poder criador dos educandos uma imersão que visa defender os interesses do opressor que trata os homens como seres vazios. Essa concepção de que o educador é o detentor do saber e que os educandos são sempre os que não sabem deve ser superada. A rigidez destas posições nega a educação e conhecimento como processo de busca (FREIRE, 1982).

Os professores que praticam a educação que o Paulo Freire chama de bancária, não tem o interesse de formar indivíduos críticos, reflexivos e transformadores da realidade. O intuito desses professores é o de encher seus alunos de informação, muitas vezes, não levando em consideração se os conteúdos ensinados possuem algum significado para os educandos. Suas aulas são técnicas, metódicas, os alunos são vistos como depósitos de conhecimento, como seres acríticos, são passivos no processo de ensino aprendizagem. Esse tipo de método é utilizado como uma forma de reproduzir e manobrar os ditos oprimidos, uma vez que não é do interesse da sociedade capitalista ter pessoas críticas e que questionem o modelo atual de sociedade.

Semelhante à educação Bancária, podemos destacar a educação tecnicista que de acordo com FRANCO (2012) é aquela em que se “vê a aula como sucessão de eventos linearmente, dispostos subsequente, planejados e previsíveis”. Ou seja, tanto a educação bancária como a tecnicista, o professor é o detentor do conhecimento, é a autoridade



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

máxima na sala de aula, um ser incontestável. A sua relação com seus alunos é vertical. O aluno aceita tudo como verdade. O professor não dá espaço para a liberdade, reflexão, questionamentos.

É necessário que se proponha uma relação não só horizontal entre esses personagens, mas que sobretudo, valorize todos os tipos de conhecimento, que se leve em consideração a relação teoria e prática, uma educação centrada no sujeito que aprende em sua própria experiência de aprender e fazer, num processo cooperativo de aprendizagem, admitindo assim que o sujeito aprende numa relação de troca de saberes com os diferentes (não antagônicos). A proposta é que se desvincule a educação do pensamento neoliberal, numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pelo autoritarismo, pela impunidade, pela apatia, pela violência, mas também pela esperança.

Dessa maneira, o artigo se propõe a discutir a educação emancipadora em nossa atual sociedade, onde o modelo econômico vigente é o capitalismo monopolista, de Estado Neoliberal (LEHER, 2012). Nessa perspectiva, a educação está a serviço do capital, que busca impulsionar a formação do educador de forma que seja instrumentalizada para que se crie e recrie sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano, uma vez que a função do professor é instigar o aluno a refletir formando sua própria opinião, pensando criticamente, problematizando sobre a sua realidade, o que segundo Paulo Freire (1982), se dá através da dialogicidade que “é um encontro em que se solidarizam o refletir e o agir dos seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro”.

Partindo do pressuposto que educação engloba os processos de ensinar e aprender, vale ressaltar que ela não se limita somente ao ambiente escolar. Antes dos alunos adentrarem na sala de aula, eles trazem consigo conhecimentos prévios do mundo social na qual estão inseridos. Conhecimentos estes que são de suma importância, que devem ser valorizados, pois ajudarão no processo de aprendizagem,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

permitindo o aluno a ter uma maior interação com o social, desenvolvendo um raciocínio crítico que vai para além da sala de aula.

Dessa maneira, devemos distinguir educação formal e educação informal, na qual a primeira está ligada, geralmente a instituições especialmente criadas e organizadas com o objetivo de ensinar, caracterizada por ser estruturada. Já a educação informal processa-se fora da esfera escolar, ocorre de forma espontânea, no dia a dia, no meio que o indivíduo está inserido, por exemplo, família, amigos, em rodas de conversas, ou seja, ambientes que não se limite a sala de aula.

EDUCAR COM A INTENCIONALIDADE DE TRANSFORMAÇÃO DO MEIO

Educar em busca da liberdade que está detida à classe dominante opressora é o que FREIRE (1982) chama de pedagogia do oprimido onde os homens se empenham na luta por uma libertação que não se faz sozinha. Educar/politizar os homens pelo diálogo surge com a necessidade de superar as diversas situações de opressão que vive o oprimido. Porém, é importante ressaltar que o capital subjuga tanto os capitalistas como os trabalhadores, vide Grundrisses, não havendo liberdade plena em nenhuma classe.

Para se falar de uma educação humanizada precisamos ressaltar a relação professor-aluno, já que nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos. Não há seres educados e não educados, todos estão em constante processo de educação e de descoberta, esta educação por sua vez não é absoluta e permanente. Nesta concepção, a educação não pode se originar de um ato de doação, que o educador faz ao educando, mas em um processo que se realiza no contato do homem com o mundo vivenciado, o qual está em constante movimento.

Para obtermos esse tipo de educação é preciso que a relação professor - aluno seja realizada de maneira horizontal e não vertical. O professor possui diferentes tipos de conhecimentos, porém os seus conhecimentos não são superiores aos dos alunos. Sabemos que todos os indivíduos são capazes de pensar e refletir sobre o universo que o cerca, ou seja, todos sabem sabe alguma coisa, todos tem a capacidade de mudar a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

realidade, de se posicionar criticamente, portanto, não há saberes maiores nem menores: Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre. (FREIRE, 1989). O processo de construção do conhecimento não deve se esgotar e se acabar dentro da sala de aula, não deve ser estático, ele deve se dar através de trocas de saberes e experiências entres os indivíduos, portanto o professor ao mesmo tempo que ensina, também aprende com seus alunos.

Desse modo, consideramos que o dever da educação é de conscientização. E esse conceito deve ser entendido como ferramenta essencial para que os indivíduos possam a partir dele intervir no mundo e melhorá-lo, pois o conhecimento por si só não é libertador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aprendizagem requer empenho e compromisso do professor, que não pode deixar de considerar as vivências de mundo dos seus alunos, suas diferenças, e que nem sempre se aprende de maneira linear, obedecendo uma ordem crescente de dificuldade. O ato de ensinar e aprender requer uma complexidade. Infelizmente, isso é algo que está estereotipado em nossa sociedade, onde a hierarquização nas relações entre cidadãos configura um impedimento - ou pelo menos um sério obstáculo - à criação ou a manutenção de uma ordem democrática, conceito este relacionado a cidadania à igualdade política.

A ação educativa de Freire estava pautada na inserção integrada em um mundo político construído por todos e visava a plenitude da cidadania. Todavia, Freire aponta que sua visão não deveria implicar a abolição das responsabilidades e hierarquias próprias da instituição escolar, no entanto seria desejável que fossem análogas àquelas que regem - ou devem reger - as relações entre cidadãos. E é essa a proposta do referente artigo, que a educação esteja pautada nesta perspectiva, onde se busque igualdade nas relações e acima de tudo a libertação através da educação política e social.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Entendemos a educação como uma facilitadora no processo de compreensão da realidade e na busca por sua transformação, evidentemente que trata-se de uma dialética, sendo necessário a existência de uma práxis, para que se alcance uma inversão da realidade imposta.

A partir deste contexto compreendemos que a educação sozinha não é capaz de transformar uma sociedade, evidentemente que "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (FREIRE, 1998). Ela precisa estar associada a uma causa e relacionado ao nosso contexto social, estando vinculado, sobretudo, a uma prática real. Pois só com a efetiva superação dessa sociedade poderemos pensar em construir uma nova sociedade que não tenha como central o que o valor do dinheiro, da mercadoria, do trabalho, do Estado e da política.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, T. F. EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA: UMA FUNDAMENTAÇÃO. *Thaumazein* (Santa Maria), v. 09, p. 40-56, 2012.

FRANCO, M. A. do R. S. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2012.

SAVIANI, Demerval. *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira: 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 31.

FREIRE, P. *Revista de Educação*. APEOESP, N0 09 - Junho/98, pp. 01.

LEHER, Roberto; *Gramsci e Vigotski: aproximações*. Editor: Sueli Guadalupe de Lima Mendonça; Vande Pinto da Silva; Stela Miller (orgs.); 2º Edição 2012; Editora: Junqueira&Marín; Araraquara - SP; BRASIL.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

SILVA, João Carlos da. *Educação e Alienação em Marx: Contribuições teórico-metodológicas para pensar a História da Educação*. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 19, p. 101-110, setembro 2005.